



Luiz Roberto Mattos

SanaKhan
UM MESTRE DO ALÉM

Volume II

SANA KHAN

Um Mestre no Além

Parte 2

Luiz Roberto Mattos

LUIZ ROBERTO MATTOS

Agradeço a:

Rodolfo Pereira dos Santos e Antonieta Almerinda de Mattos Santos, meus avós paternos, responsáveis pela construção do caráter do melhor pai do mundo, Durval de Mattos Santos;

Pedro Peixoto de Vasconcelos Castro e Juracy de Carvalho Castro, meus avós maternos, geradores do anjo da guarda que todo mundo gostaria de ter, minha mãe, Inalda Peixoto de Castro Santos;

Alberto Jorge Peixoto de Mattos Santos, meu irmão, e quem primeiro filosofou comigo nesta vida e com quem tenho grande afinidade;

Rodolfo Luiz Peixoto de Mattos Santos, meu irmão, e com quem filosofo há mais de quinze anos;

Alan Martins de Mattos, meu filho, que me faz compreender melhor a minha infância, e desperta em mim o que tenho de melhor em termos de amor.

Bruno Martins de Mattos, meu filho caçula, que me despertou novamente um grande amor;

e Vanda Martins dos Santos, minha esposa de várias vidas, meu espelho, e que me ajuda a superar minhas limitações, me suportando e me perdoadando.

"Ofereço este trabalho aos buscadores da Verdade, da Realização Espiritual, da Iluminação, e da Autoconsciência Divina".

"A boa natureza dos animais é a força do corpo; a dos homens, a excelência do caráter".
Demócrito de Abdera, filósofo grego.

SANA KHAN
Um Mestre no Além
Parte 2

Esta obra é continuação do livro Sana Khan - Um Mestre no Além, conforme prometido no seu final. Aqui relato experiências vividas entre janeiro de 1979 e maio de 1997.

Muita Paz.

Luiz Roberto Mattos

I

Era alta madrugada, em um dia do mês de dezembro de 1978. Dormia não sei há quanto tempo. Sono profundo, se considerado do ponto de vista físico, visível. Dormia em meu quarto, onde havia duas camas, uma minha e outra de meu irmão Jorge. Só que este não dormira nessa noite em seu quarto. Portanto, estava só, em minha cama, estando a porta do quarto fechada. Lembro-me então de ter acordado repentinamente, abri os olhos e levantei-me parcialmente, apoiando-me no cotovelo do braço esquerdo e tendo me virado para esse mesmo lado. Minha visão se dirigiu para um ponto do quarto que ficava próximo à cabeceira da cama de Jorge. De imediato nada vi, tampouco esperava ver qualquer coisa. Mas, inexplicavelmente, estava olhando naquela direção, como se tivesse uma certeza interna de que alguma coisa iria aparecer naquele lugar, em meu quarto. Alguns segundos se passaram, de acordo com minha percepção de tempo naquele momento, e então comecei a ver algo esbranquiçado, como uma fumaça que não se movia, ou como uma nuvem muito tênue, rala, tendo contornos que gradativamente iam se definindo, mas inicialmente indecifrável.

Estava calmo interiormente, sem expectativas, sem ansiedade, sem medo. Não tinha idéia, realmente, do que estava para acontecer. E jamais imaginei de verdade que uma tal experiência iria acontecer comigo, por ser coisa rara e de difícil produção.

Desde criança ouvia estórias de aparições de espíritos, de materialização e deslocamento de objetos dentro de centros espíritas. Meu avô materno me contava tais estórias, e acredito que muitas delas fossem verdadeiras, pois ele era espírita e pessoa que não mentia. Devido a esse fato, a idéia de ver espíritos nunca se constituiu em absurdo ou fantasia para mim. Pelo contrário, sempre acreditei, desde garoto, que essas coisas fossem possíveis, e que talvez um dia acontecesse comigo.

Quando criança, costumava brincar com meus irmãos de ficar um de cada vez trancado em um quarto escuro, ficando os demais do lado de fora dizendo coisas as mais assustadoras possíveis. Isso visava, conforme pensávamos, em nossa psicologia mirim, a superação do medo. Queríamos desenvolver a coragem, em contrapartida. Contudo, apesar de todos os esforços feitos, o medo não nos abandonou por completo e em tão curto tempo. E isto porque nossos condicionamentos com relação a almas do outro mundo, fantasmas, o diabo, o mão-pelada, o capivara, os vampiros, etc., eram muito fortes, em virtude de todos os filmes por nós assistidos. Não é fácil vencer o medo!

Desde que comecei a estudar acerca dos espíritos, em 1977, com a literatura de Allan Kardec a princípio, tinha a idéia de que se um dia um espírito se materializasse na minha frente eu morreria de medo, o meu coração pararia. Não obstante, desejava uma experiência desse tipo, e até sonhava com ela.

Voltando então à narrativa inicial, estava deitado, virado de lado, apoiado em meu cotovelo, olhando para um ponto de meu quarto onde começava a aparecer uma névoa branca. Sem nenhum medo na mente acompanhava o desenrolar daquele fenômeno, sem saber até então o que estava acontecendo e o que iria acontecer. A névoa foi se tornando

mais opaca gradativamente, e seus contornos se avivando, deixando entrever que se tratava do contorno de um ser humano.

Para melhor compreensão e visualização do que estou a descrever sugiro ao leitor que frite um ovo de galinha, ainda que não vá comê-lo. Observe que a clara, a princípio totalmente transparente, deixando ver o fundo da frigideira, gradativamente vai se tornando opaca, esbranquiçada, até que não possamos ver o fundo da panela. E isso tudo ocorre em poucos segundos.

O que vi em meu quarto foi algo semelhante. E à medida que a nuvem imóvel ia se tornando mais opaca, também a forma humana ia se definindo. Até que um homem jovem, branco, magro, de calças e camisa ficou completamente visível há apenas um metro e meio de mim, aproximadamente. Estava olhando para fora da janela do quarto, como se posasse para uma foto ou filmagem. E estava imóvel.

Em nenhum momento tive medo, me sobressaltei ou pensei em correr. Impávido, foi como me defini. Até hoje não compreendo por que aquela tranqüilidade, de onde tirei tanta coragem. E por outro lado, também não compreendo por que não conversei com aquele homem ali materializado em meu quarto. Minha postura, se teve algo de coragem, também teve de apatia, de passividade. Fiquei tão "sem acreditar" no que via que não tive reação, tranqüilidade, presença de espírito e espírito científico para tentar um diálogo com aquela pessoa.

Vale ressaltar agora que não se tratava de um estranho. Eu já o conhecia há algum tempo. Contudo só o havia visto quando eu estava fora do corpo físico, em projeção astral ou desdobramento. E ele é um espírito, um ente ou individualidade desencarnada. Não habita a esfera física terrena, e não tem um corpo de carne. Muitas e muitas vezes já saímos para trabalhar em zonas de sofrimento no plano espiritual ou astral, e também percorremos cidades em outras dimensões, em busca de conhecimentos e estudos. Rodolfo é o seu nome, e o leitor deve lembrar-se dele, se leu o livro Sana Khan - Um Mestre no Além, do qual este é continuação.

Ali estava então Rodolfo totalmente materializado em meu quarto. Era difícil acreditar, mas era verdade. Era completamente real, por mais maravilhoso e inacreditável que pudesse ser. Muitos leitores talvez não acreditem. Nada posso fazer para provar o que afirmo e narro. Fica por conta do leitor acreditar ou não, dar-me crédito ou não. Não teria por que inventar uma tal experiência. Ademais, já no século passado o cientista inglês William Crookes e o russo Alexandre Aksacof faziam experiências de materialização de espíritos. Há vários livros nas livrarias e bibliotecas especializadas a respeito dessas experiências.

É uma pena eu não ter conversado com ele. Perdi uma oportunidade que ainda não foi repetida, e não sei se haverá outra igual. Passei por várias experiências mediúnicas e anímicas, porém só daquela vez tive o privilégio de assistir a uma materialização de um espírito ou ente desencarnado. Conversar com ele em outra dimensão, o chamado plano astral, era coisa comum, mas materializado seria diferente.

Às vezes acho que o fato de conhecê-lo deixou-me tranquilo, sem medo. E acho também que antes de me integrar no corpo físico eu já sabia previamente que Rodolfo se materializaria para mim, como parte de meu aprendizado. Contudo no momento em que acordei e me virei para o local onde houve a materialização eu não tinha consciência de que o fenômeno aconteceria. Naquela noite não me recordei das andanças no plano espiritual.

Acredito que toda a experiência não levou mais que três ou quatro minutos, no máximo. Fiquei um tempo olhando para Rodolfo, que não me encarou, e era como se eu não acreditasse que aquilo estivesse acontecendo. Mas estava de fato. Não acreditava que eu estivesse sendo contemplado com aquela experiência. E então cometi a maior de todas as burrices de minha vida, deitei-me e fechei os olhos. Após algum tempo, novamente os reabri e tornei a olhar para o local onde momentos antes vira Rodolfo por inteiro. E para minha decepção, ele não mais estava lá. Porém a lembrança daqueles breves minutos continuam muito fortes e vivas em minha mente. Nunca tive a menor dúvida de ter visto realmente o que aqui relato. Estava acordado, lúcido, em plena posse de minhas faculdades mentais. Aliás, naquela época, era naturalista, não bebia, não fumava, não tomava qualquer tipo de droga. Não estava hipnotizado nem sugestionado. Sequer pensava na hipótese de ver uma materialização quando fui dormir ou quando acordei.

Não posso afirmar que a materialização fosse tangível, pois não a toquei. Visível, no entanto, ela era, sem sombras de dúvida. Eu não via o que estava por trás de Rodolfo, estando ele totalmente opaco à minha visão. Era um verdadeiro obstáculo.

No livro Sana "Khan - Um Mestre no Além" narrei diversas experiências fora do corpo, estando em outra dimensão. Aprendi a me movimentar no plano astral, trabalhando e estudando. Constatei que a vida não termina com a morte do corpo de carne. E com a materialização de Rodolfo comecei a ver como os espíritos desencarnados podem se comunicar com os encarnados e como podem agir sobre a matéria, inclusive de forma mais ostensiva, como através de sua materialização.

Sabemos que em seu estado normal, isto é, natural, um espírito desencarnado não pode ser visto nem tocado por um encarnado. E isto se deve ao fato de viverem em frequências vibratórias diferentes. A matéria ou energia do corpo astral ou perispírito vibra em frequência muito superior à do corpo denominado físico. E para que um desencarnado possa ser tocado por um encarnado, e visto por qualquer um que não seja vidente, se faz necessário que ele consiga a substância hoje chamada de ectoplasma e se envolva com ela, para então se materializar, ou seja, ficar envolvido com matéria desta dimensão física. O ectoplasma é matéria, sobretudo. Porém contém também substâncias do plano astral ou espiritual. Por isso ele é substância intermediária entre duas dimensões, ou ponte entre dois mundos. É essa substância que faz a ligação entre o corpo físico e o espiritual ou perispírito. Integra o chamado duplo etérico ou corpo etérico, que não é na verdade um corpo, pois não serve de sede para a consciência. Ninguém se projeta com o duplo etérico e sem o corpo astral.

No duplo etérico, e sobretudo no ectoplasma reside o segredo de todos os fenômenos de efeitos físicos, como materializações, movimentação de objetos, levitação de objetos, sons produzidos em madeira, e muitos outros relacionados a contos de casas mal assombradas. Por isso Rodolfo, sob o comando do mestre Sana Khan, se fez visível para mim, tendo, provavelmente, combinado comigo previamente, ainda que eu não me recorde.

Muitos outros fenômenos de efeitos físicos foram produzidos depois desse, para que eu completasse toda uma série de lições acerca dos vários fenômenos e sobre a mediunidade, um capítulo à parte e todo especial em meu treinamento. Em outro capítulo voltarei a falar sobre isso.

Peço ao leitor que não leia todo este livro sem que antes tenha lido o Sana Khan - Um mestre no Além. Isso não é marketing, é apenas porque este livro é a continuação do outro, e naquele há conceitos e relações que não permitirão a completa compreensão deste sem a leitura daquele.

O espírito imortal não só vive em outras dimensões além desta que conhecemos como também pode se fazer visível e tangível para os olhos do nosso corpo de carne, ainda que não sejamos videntes. No caso narrado, vi materializado um espírito (uma entidade) que já conhecia de minhas várias projeções astrais, dando assim maior certeza interna de que minhas experiências de saída consciente do corpo não eram apenas sonhos, fantasia ou imaginação. Eram reais as viagens astrais, como foi realíssima a materialização de Rodolfo. Não tenho dúvidas, e me submeto a qualquer aparelho detector de mentiras ou hipnose para provar que não estou mentindo. Ademais, minha profissão e o cargo que hoje ocupo não me incentivariam a mentir em um assunto desse tipo. Meu nome, meu conceito e minha carreira podem ser afetados por isso. Um juiz não pode mentir em se tratando de coisas tão sérias, como essas, que dizem respeito ao espírito, sua sobrevivência após a morte e seu intercâmbio com os chamados vivos.

II

No primeiro livro por mim lançado, “Sana Khan - Um Mestre no Além”, relatei diversas experiências de projeção astral, regressão de memória e fenômenos de efeitos físicos. Narrei diversos diálogos com o mestre Sana Khan e outros espíritos, principalmente Marlene e Rodolfo. No final, falei sobre o afastamento do mestre e sobre meu envolvimento com sexo e álcool, apesar de todas as advertências de Sana Khan. Agora, tentarei relatar como e por que me afastei temporariamente do mestre e de que forma aprendi a custo de prazeres e dores acerca do sexo, paixão, amor e vícios de um modo geral.

Durante o ano de 1978, em torno do qual giram os fatos narrados na primeira obra, estive razoavelmente equilibrado emocionalmente, psiquicamente, fisicamente e não sentia desejos sexuais, pelo menos isso durou vários meses. Meu interesse girava em torno de meu aprendizado sobre o mundo espiritual, no qual muito trabalhei, de forma consciente, e também do meu autoconhecimento, do que seria exatamente o centro do meu ser, aquilo que chamamos de “eu”.

Tinha na época dezenove para vinte anos e era solteiro. E não tive namorada naquele ano de 1978. Assim, a questão do sexo ficou mais facilmente adormecida, porém sem profunda compreensão. Imaginava que não fosse mais sentir desejos sexuais, e que as energias ditas sexuais seriam facilmente sublimadas, mesmo porque partiria para a Índia, como planejava a princípio, em busca de maior aprofundamento nas coisas do espírito.

Dezembro chegou, em 1978, e faltava apenas um mês para minha partida rumo à Índia. Havia comprado mochila, barraca, cantil, lanterna e alguns outros objetos de uso pessoal e que julgava que me seriam úteis naquele país. Começara a escrever a carta que deixaria para meus pais, pois não tinha coragem de dizer cara a cara que iria embora. Às vezes conversava de uma forma teórica e geral com minha mãe a respeito de uma longa e demorada viagem, para ver sua reação, e logo sentia que ela não aceitaria o fato, e que sofreria muito. Tenho certeza que o mesmo aconteceria com meu pai. Apesar dos oito filhos que eles têm, não querem se desfazer de nenhum, não imaginam perder um sequer. Não tiro suas razões, pois sentimento é sentimento, ainda que haja apego. Tenho dois filhos, e também não gostaria de me afastar deles agora.

Havia planejado a ida para a Índia seis meses antes. Contudo, acabei desistindo da idéia, ao refletir mais acerca das dificuldades que sentiria com relação à comunicação. Não dominava bem o inglês, e naquele país há mais dialetos do que estrelas em nossa constelação. Ademais, pensava naquela época, o que eu buscava não era um mestre encarnado na Índia, pois já possuía um bom mestre, no plano espiritual, com quem podia me contactar com frequência cada vez maior. O que buscava na verdade era solidão, sossego, ar puro, um clima espiritual e o meu passado vivido naquele país, em idos remotos mas agradáveis, quando praticava yoga. Não eram pessoas que eu buscava, mas um ambiente propício à meditação e maior aprofundamento de meu autoconhecimento. Buscava meu interior, mais do que o exterior. Pensava em crescer mais, interiormente, e após dois, três ou

até no máximo cinco anos retornaria ao Brasil, pois era aqui o meu lugar, nesta vida. Não nascera aqui por mero acaso. Tinha certeza de que meu trabalho seria desenvolvido aqui, ou pelo menos aqui começaria.

Desisti então de ir para a Índia (graças a Deus!). Resolvi, em compensação, perambular pelo Brasil, principalmente pela Bahia, pelo interior, saindo de Porto Seguro, por onde descobri que passa um importante paralelo. Decidi acampar lá no mês de janeiro de 1979, só que não haveria volta. De lá eu partiria a pé pelo mundo. E deixaria a carta com alguém, para ser entregue a meus pais.

Tudo estava pronto e resolvido. Faltando um mês para a viagem a Porto Seguro, numa noite, já deitado para dormir, senti a presença de Sana Khan dentro de minha cabeça, por telepatia, que disse de maneira incisiva que eu não deveria partir, mas deveria ficar com minha família. Aquilo para mim foi um choque, uma surpresa, e me tirou o sono. Fiquei a noite toda acordado, pensando naquela idéia de ficar. Não sabia mais o que fazer. Havia abandonado a faculdade, sequer trancando a matrícula. Não queria mais continuar o curso de arquitetura. Como explicaria esse abandono a meu pai? E o que faria, já que não iria mais embora nem desejava continuar estudando arquitetura ?

Dias depois da insônia acima mencionada, decidi estudar psicologia, pois tinha algo a ver com minha busca interior e o autoconhecimento. Resolvi então fazer novo vestibular. E essa decisão só seria comunicada a meu pai quando eu voltasse de Porto Seguro.

Viajei, apesar de não mais pensar em ir embora. Voltaria, e faria novo vestibular.

Permaneci treze dias acampado sozinho na beira da praia. Andava muito pelas praias do local. Sentia e encarava aqueles dias como de transição, de readaptação ao normal convívio social, o que não fazia há tempo. Conheci pessoas, conversei, troquei idéias, e acima de tudo me senti mais humano. Comecei a descer de um nível que eu julgava possuir, de quase santidade, para o nível comum dos mortais, ao qual eu pertencia, e não sabia, ou não me lembrava.

Minha alimentação sofreu brutal mudança no camping onde estava, pois a comida que eu comprava lá vinha em prato feito, o famoso "P.F.". E geralmente continha carne e batata frita. Não comia carne, mas comia as batatas. Pedi para trocar a carne por ovo frito. Dois ou três dias depois de estar comendo essas coisas tive uma diarreia daquelas, pois meu organismo não estava acostumado àquilo. Vinha há quase um ano me alimentando de cereais, verduras e frutas, tudo natural. Não comia nada de origem animal. Então quando tive a diarreia me internei em minha barraca com uma garrafa grande de água mineral para jejuar até ficar bom, que é o que os animais selvagens fazem. Tive febre altíssima, mas não saía da barraca, mesmo no sol mais forte durante o dia, o que me fazia suar bicas. Foi uma verdadeira sauna, acompanhada de jejum. No dia seguinte já estava bom. Levantei, tomei café de forma mais natural e fui para a praia, onde passei todo o dia caminhando e meditando, e tomando água de coco.

Nos dois últimos dias fiz apenas uma refeição, porque o dinheiro acabou. Já havia comprado a passagem de volta, por precaução.

Voltei mais adaptado ao mundo ocidental, pois antes estava me sentindo um oriental, mais propriamente um indiano. Meu pai seria Secretário da Segurança Pública da Bahia, tomando posse em março de 1979, e estava tudo certo para eu ir trabalhar com ele, como Oficial de Gabinete. Estava com vinte anos. Mas quando cheguei, a primeira coisa que ouvi foi a bronca de meu pai por ter perdido a data de matrícula na Faculdade de Arquitetura. Ele não sabia até então que eu abandonara o curso e não pretendia retornar. Foi aí que eu tive que contar toda a verdade, e ouvir a explosão de desagravo do coronel. Disse-lhe que não pretendia mais estudar arquitetura, e então ele disse que assim eu não teria o emprego na Secretaria da Segurança. Foi então que eu disse que ele podia ficar com o emprego, porque eu não retornaria à faculdade.

O homem ficou uma fera comigo, pois não queria que nenhum dos filhos ficasse sem estudar, acreditando que nosso futuro estava no estudo. E ele estava absolutamente certo! O futuro me mostraria isso.

Chegou março de 1979, mês em que meu pai assumiria o cargo mencionado, e eu não sabia se o acompanharia, depois da decepção que lhe causei. Precisou haver intervenção de minha mãe e de uma amiga nossa, que acabaram convencendo meu pai a me dar o emprego, pois afinal eu queria trabalhar, não iria ficar sem estudar e sem fazer nada, na ociosidade. O emprego então me foi dado, e tive que cortar os longos cabelos, em estilo indiano. Aí mesmo foi que me senti ocidental, um pouco mais distante da yoga e da Índia. Como Sansão depois que lhe cortaram os cabelos. Passei a vestir trajes normais, pois antes só usava sandálias de couro do Mercado Modelo ou mocassim tipo índio, e vestia calças jeans bastante desbotadas e camisões folgados. De um misto de hippy e yogue passei a me vestir como um Oficial de Gabinete. Em breve tempo estaria usando terno e gravata no gabinete. Que mudança!

Sem que eu sentisse, as mudanças externas eram acompanhadas por mudanças de comportamento, por alterações na minha maneira de pensar, e fui me deixando influenciar por outras pessoas e outros padrões de comportamento. Em pouco tempo deixei de fazer yoga, relaxei na alimentação e comecei a beber novamente. Aí eu deixei de ser o *guru* de alguns irmãos, como me chamavam, e voltei a ser uma pessoa normal. Minha mãe adorou! Era tudo o que ela sonhava.

Durante aquele ano, 1979, não namorei, não tive relações sexuais, pois a mudança interna com relação aos desejos instintivos dessa natureza demorou um pouco mais a se fazer presente. Iria fazer vestibular para psicologia em janeiro de 1980, porém não estudei, nem fiz cursinho. E isso se deveu ao fato de em uma conversa com Marlene, aquela amiga desencarnada, ter ela dito que eu não me preocupasse com o vestibular. Fiquei então tranqüilo, crente que passaria. Contudo levei foi "bomba", o que serviu para demonstrar que ninguém cresce sem esforço. E que os espíritos não fazem milagres, e não ajudam a quem "não madruga". Anos depois eu compreenderia que psicologia não era o meu caminho, e por isso Marlene havia dito que eu não me preocupasse com o vestibular. Ela não me disse que eu passaria no vestibular mesmo sem estudar. Essa interpretação apressada ficou por conta

de minha ignorância e de uma certa infantilidade com relação ao trato com o mundo dos espíritos, que só a muito custo e muito sofrimento foi mudando. Às vezes é preciso dor e experiências duras para crescermos. E eu precisei, até perder uma certa ingenuidade e imaturidade própria daqueles que descobrem um mundo novo, supranormal, desconhecido, e se lançam de qualquer forma em aventuras místicas.

Fiquei ainda mais perdido quando perdi o vestibular de psicologia. Lembro-me que peguei minha moto - na época era motoqueiro - e saí feito um doido pela orla de Salvador, da Pituba até Itapuã. Tive vontade de morrer. Mas meu desequilíbrio interior, emocional, não apagou por completo meu senso de responsabilidade e meus conhecimentos sobre a morte e a continuação da vida após ela. Assim, continuei vivo, sentindo a dor do vexame e a dor de consciência de causar dor a meus pais. Fui irresponsável por não ter estudado. Fui imaturo em minha interpretação da conversa que tive com a amiga Marlene. Somente eu fui culpado por minha derrota. E como diz um político baiano, *a derrota é sempre órfã*.

Continuei trabalhando na Secretaria da Segurança Pública, andando de moto, e resolvi finalmente entrar em um cursinho para tentar o vestibular de Direito dessa vez. De tanto conversar com políticos, pois eu os atendia todos os dias, acabei botando na cabeça que eu queria ser político, pois achava que assim poderia fazer algo pelos pobres e pelas pessoas em geral, e de uma forma melhor adaptada aos tempos modernos, e ocidental, deixando de uma vez por todas aquela fixação do orientalismo que me seguia há tempo, e ainda me seguiu por anos.

Fiz cursinho durante quatro meses, tendo me apaixonado por duas garotas lindas. Estava apenas começando a carreira de paixões desenfreadas que me acompanharia por longos anos. Não tive envolvimento de fato com nenhuma delas. Foi só amor platônico. Era um motoqueiro essencialmente solitário, pois apesar de andar de moto e conhecer algumas garotas, ainda estava meio preso às idéias filosóficas e sonhos de missão a cumprir. Não estava completamente integrado ainda à sociedade, nem ao comportamento dos jovens da minha idade.

Passei no vestibular de Direito no meio do ano, na Universidade Católica do Salvador. Comecei o curso em agosto de 1980. Nunca me integrei completamente com minha turma, o que causava a interpretação de meus colegas como se eu fosse "metido a besta". Isso não era verdade. Nunca me senti melhor do que outras pessoas, nunca mesmo. É que apenas andava no mundo das nuvens, perdido em pensamentos, em meditação. Pensava no que faria. Pensava em política. Não conseguia me integrar às vezes em papo superficial, segundo pensava na época. Era um tanto quanto maduro para minha idade. Talvez maduro até demais. Acho que queimei certas etapas de minha juventude, e depois tive que voltar para recuperá-las, não sem um certo desequilíbrio, próprio dessas situações. A natureza deve sempre seguir seu curso e seu ritmo próprio. E quem se atreve a quebrar o ritmo das coisas sempre paga caro, com dor muitas vezes, pois a natureza é "cega", e "não perdoa" seus agressores.

No ano de 1979 ainda tive muitas experiências de projeção astral e regressão de memória. Porém, em 1980 elas começaram a escassear, sem que eu me desse conta e fizesse nada para impedir. Acho que estava gostando da nova vida, começando a ter casos amorosos com mulheres mais velhas, bebendo, viajando de moto e estudando Direito. Levava uma vida "normal", dentro do conceito de normalidade que me apresentavam. Meus pés se prenderam firmemente no chão, e minha cabeça cada vez mais se ligava nas coisas do mundo material. No entanto, jamais me tornei um materialista filosófico. Curtia as coisas da matéria, as coisas da carne, mas vivia meditando sobre cada coisa que fazia e vivenciava. E não deixei de ler Teosofia, Espiritismo, Yoga, Krisnamurti, Rajeneeshe e muitas outras coisas. Assim, meu corpo sentia os prazeres da vida física, sem contudo deixar a mente de estar buscando as riquezas do conhecimento e da sabedoria. Nunca deixei de almejar a iluminação, a sabedoria, apesar de ter me enredado profundamente no mundo dos prazeres físicos. E isso me causou profundos e sofridos conflitos internos.

O caminho tradicional da espiritualidade se afasta dos prazeres sensoriais, colocando-os como obstáculos à aquisição da sabedoria e iluminação espiritual, quando não considera pecado o gozo de certos prazeres, como o sexo, principalmente. Já a filosofia materialista ignora e despreza a iluminação e os "prazeres espirituais". Quem quer que seja que inicie a busca da espiritualização lendo de tudo que encontrar nas livrarias vai ficar inicialmente confuso, cheio de conflitos, porque há literatura de todo tipo. Nem tudo que vem da Índia ou da China é sagrado, nobre e se constitui a verdade. Há mentiras e interpretações errôneas das leis da natureza e das coisas espirituais tanto no ocidente quanto no oriente. Que ninguém se deixe enganar com isso. Há, hoje, mais do que há quinze anos, um monte de lixo em forma de livros espalhados pelo mundo, no afã tão-somente de gerar dinheiro. Basta que o leitor pegue cerca de cinco ou sete livros sobre energia, chacras, kundalini e tantra yoga para ver a variedade e a confusão de interpretações existentes no que toca a esses temas. E isso é só um exemplo. E se o leitor achar que este livro é mais um desses, após a sua leitura queime-o, não o passe para ninguém. Não espalhe nem divulgue o que não presta.

Mesmo no meio de minhas confusões mentais, de meus conflitos internos entre gozar os prazeres que o mundo me oferecia e buscar uma maior expansão da consciência para poder ajudar meus irmãos espirituais, fosse como político ou de outra forma, continuava de vez em quando tendo uma experiência de projeção astral ou de outro tipo. Meu lado espiritual jamais me abandonou por completo. E isso me dava suporte para interpretar mais profundamente e com maior lucidez todo o processo de desejo e apego aos prazeres, assim como me auxiliava a analisar e compreender melhor meus sentimentos e emoções.

Em 1979 comecei a escrever poemas e poesias, recheados de filosofia e reflexões. Em 1980, a partir do segundo semestre, tive influência do Zen-Budismo e deixei de beber, voltando a tomar chá e a levar vida mais natural. Depois voltei a comer comida inadequada e a beber novamente. Era a própria instabilidade interna, um conflito ambulante. Em 1981 li muito Rajeneeshe e Krisnamurti, simultaneamente. E em 1982 quis largar a faculdade, tendo desistido de ser político. Meu irmão mais velho "fez a minha cabeça" e eu levei adiante.

Pensei em seguir carreira diplomática, que logo desisti também, por achar que não poderia fazer grande coisa para melhorar o mundo. Quis novamente largar a faculdade, e de novo meu irmão me convenceu a não fazê-lo. Comecei então a escrever meu primeiro livro, que não consegui publicar. Isso foi em 1982. Levei a faculdade adiante, mais animado com a parte prática da advocacia. Nesse mesmo ano tornei-me macrobiótico radical, às vezes levando vários dias comendo somente arroz integral. Adorava fazer isso. Hoje não posso ver arroz na minha frente, tanto branco como integral. Só de vez em quando como arroz. O abuso do arroz me enjoou.

Meus processos de mudança eram intensos e variados, e eu era instável como o tempo na Amazônia. Hora era naturalista e não tomava gota de álcool, e logo em seguida estava bebendo mais de cinco garrafas de cerveja numa noite. Ora era vegetariano, ora comia frango e peixe, e assim por diante. Dormia de um jeito e acordava de outro, muitas vezes. E isso porque estava em perene busca da perfeição, da verdade, do melhor, e ainda não estabilizara essas coisas na mente. Ainda não havia encontrado o caminho do meio e o equilíbrio das emoções e pensamentos. E a vida continuava me dando lições e me proporcionando novos aprendizados.

Em dezembro de 1984 redigi uma das coisas mais lindas que já escrevi, no dia de natal, após passar o dia pensando em Jesus. Foi o "Manifesto de Amor". E com isso voltava a me equilibrar interiormente, deixando-me apto para entrar em uma nova fase de aprendizado, com intensos e importantes estudos sobre energia e mediunidade. E conheceria uma médium interessante, com quem acabaria me casando. Em seguida relatarei interessantes experiências com mediunidade e o contato com um grupo de espíritos com os quais me relacionava através de médium.